

FILMES DE PROFESSOR, PARA PROFESSOR, SOBRE PROFESSOR: REPRESENTAÇÕES DA FIGURA DOCENTE NO AUDIOVISUAL.

Lucas Eduardo Argollo Pereira¹

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva²

¹ Graduação em Arquitetura & Urbanismo, Universidade Estadual de Goiás - CCET, Anápolis- GO.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG), nos cursos de História e Arquitetura e Urbanismo. Docente do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Realizou pós-doutorado em Poéticas Visuais e Processos de Criação pela FAV/UFG.

RESUMO

“What could be more beautiful than truth and freedom!?”

“Filmes SOBRE professores”, que são obras cinematográficas que extrapolam a relação professor-aluno, não necessariamente transcorrendo dentro do ambiente da escola ou mesmo tendo a busca pelo conhecimento formal como mote dramático. O processo de amadurecimento humano ou a aquisição de uma determinada fonte de sabedoria, visando resolver uma situação limite, é o mote do enredo. Uma Escola De Arte Muito Louca seria um “Filme sobre professor”. Na presente análise feita por meio de, desde discussões em sala de aula a análises de “cena por cena”, se encontra uma gama de figuras docentes que demonstram variados gêneros e também estereótipos, nos quais são retratados por mecanismos do cinema citados no trabalho como, por exemplo, a *memória* e o *cômico*. Com o auxílio de outras leituras acerca da arte, da história e cinema, o trabalho foi desenvolvido a partir da análise e crítica, e, buscamos mostrar como a indústria do cinema usa dessa figura e introduz ao espectador o papel do educador na sociedade, e também o peso moral e ético que a figura docente exerce na formação e no decorrer da vida dos alunos.

Palavras-chave: Educação; arte; história.

Introdução

O nome original do filme (*Art School Confidential*), mostra de forma clara toda a problemática do filme e dos seus personagens, o que não aparece na tradução ao português. A palavra do inglês “*confidential*” pode ser traduzida como “comunicação de um segredo”, ou também simplesmente “segredo”. E é do que o filme fala, de forma diversa, negativa e positivamente, tanto que o diretor procura revelar o que há

por trás de uma escola de arte, seja isso bom e (ou) ruim. O protagonista, um jovem e talentoso rapaz que encontra na arte de retratação, seu porto seguro em meio à sua dificuldade em se relacionar com as pessoas – mais especificamente o sexo oposto – decide ingressar-se numa escola de arte no intuito de que sua arte e que ele mesmo seja notado. Confrontado logo no início, sobre questões corriqueiras no meio artístico, seja por “*técnica*”, conceito do “*belo*” e (ou) “*originalidade*”, sente seu ego ser pesadamente ferido por se sentir apenas mais um em meio à multidão ao se destacar na turma apenas como o “babaca artisticamente insensível”.

Enquanto isso, a bela personagem Audrey se torna o ponto principal no drama do artista aprendiz, pois ela seria a inspiração de Jeremy mesmo antes de conhecerem-se pessoalmente, e, as cenas que ocorrem com ar de uma típica comédia dramática.

O uso da dualidade com diversos tons de sarcasmo é portanto, repetida várias vezes no decorrer do filme. Logo no início, por exemplo, podemos ver um recheio de contradições à começar pelos alunos, que ao chegarem no primeiro dia de aula se dirigem até o edifício principal (edifício que por sua vez, de estilo eclético com pilares coríntios duplos) vestindo rótulos que eram explicitamente contraditórios à suas atitudes, vide personagem que chega ao campus tatuada e com ar de rebeldia na forma de se vestir, mas na verdade segura um bicho de pelúcia demonstrando total dependência dos pais em sua linguagem corporal, enquanto seus pais vão embora.

Os outros personagens (que são basicamente colegas de classe e professores de Jeremy) parecem muito mais interessados em uma arte “pura”, na qual segundo o filme, pôde ser naturalmente reproduzida pelas obras de Jonah, personagem este, que embora seja extremamente dedicado à vida artística, é na verdade um policial disfarçado à procura de um assassino em série que age no campus da faculdade repleta de pistas que o levariam a alguém ligado ao desenho & pintura. A trama do filme é levada à um ponto, em que a ideia geral se mostra por meio de um sarcasmo exagerado do diretor Terry Zwigoff (em uma palestra com um ex-aluno da faculdade) de forma bem explícita: Arte de sucesso traduzida em verdade e liberdade, independentemente da índole do artista e, que a posição do artista diante da sociedade pouco – se não nada – é relevante na arte que ele produz.

Jonah, chega e rouba a cena, e inclusive a atenção da musa inspiradora de Jeremy, o que cria um drama ainda maior na vida do jovem que sonhara em ser “um

grande artista”, que se vê fracassado ao perceber que a diferença entre ser o “promissor” e o “*barman*” estaria em produzir uma arte puramente original, seja ela repleta de boa técnica ou não. A falsa dicotomia mais uma vez dada nesta cena, de fácil percepção usando-se de melodrama, na qual uma cena trágica de um gênio mal compreendido é maximizada ao som de “*Concerto do Imperador*” de Ludwig van Beethoven. Também vale ressaltar que o diretor não é tão entusiasmado em expor as mortes por estrangulamento do misterioso assassino tanto quanto é interessado em criticar a lógica de que o artista precisa ser polêmico para que sua arte faça sucesso.

No finalmente, foge-se dos clichês, já que o esperado seria Jeremy conquistar a bela Audrey, além de fazer sucesso com sua arte e tudo de mais comum que há numa comédia dramática. Entretanto, Jeremy assume a culpa dos assassinatos e consegue a fama que gostaria de ter mas por outro lado, sua paixão por Audrey continuará platônica, pois mesmo que seja correspondida há um vidro blindado da prisão na qual Jeremy cumpre a pena pelos crimes, separando o beijo apaixonado do casal. Novamente o diretor brinca com o cinismo retratado em praticamente toda a obra, mostrando que mesmo agora, Jeremy com fama e o amor de sua musa, ainda vive a mesma sensação do início do filme na qual seu amor permanece intocável. O que se mostra no filme todo é que “verdade e liberdade” é sinônimo de boa arte, embora o nosso novo artista de sucesso, “*gênio e monstro*” não é de fato verdadeiro, por não ser assassino, nem livre, já que não pode ao menos tocar a sua musa de amor correspondido, entretanto, é ainda um gênio, pois esse Jeremy “pintor assassino” é o que todos pensam ser a verdadeira natureza do artista.

Material e Métodos

O projeto analisou o filme *Uma Escola De Arte Muito Louca*, de Terry Zwigoff, que narra a trajetória de um estudante de arte dentro da instituição onde estuda, desnudando relações de ensino e aprendizagem, mas também de vaidade e conflitos entre professores e alunos. Contou juntamente com a análise do filme, o auxílio e referência dos livros “*Escritos sobre arte*” de Charles Baudelaire, e, “*A experiência do Cinema*” de Ismail Xavier. Com o apoio também da pesquisa bibliográfica e entrevistas com teóricos especializados, também são utilizados materiais produzidos nos cursos de graduação em História e Arquitetura e

Urbanismo da UEG, além da disciplina “Literatura, História audiovisuais no cerrado”, do Mestrado TECCER da UEG.

Resultados e Discussão

Como resultado final desta análise, procurou-se enfatizar as questões encontradas mais significativas na sobre a figura docente no audiovisual.

Um artifício usado no cinema que é equivalente ao “*close-up*”, é geralmente chamado de “*qualquer volta ao passado*”, é um marco na obra analisada, por exemplo, a história do personagem principal, contada através de uma memória, pontuada por ciclos que parecem ser fatos que se encaixam (mesmo sendo em várias etapas da vida). Esta ferramenta de memória atua na mente do espectador o situando melhor a cada cena do filme.

Segundo Xavier (1983, p.42) em relação a memória

[...] A relação entre memória e o passado é diretamente proporcional à expectativa e a imaginação com o futuro, e a mente não fica interessada somente com o que aconteceu antes ou depois, mas também com o que acontece em outros pontos [...]

O uso do “cômico” também, como mecanismo de retratação, monta os *personagens chave* (professores e ex-alunos) da história de forma engraçada e ao mesmo tempo contraditória. Sendo assim, desprende-se de somente estereótipos e mostra uma versão mais “humanizada” da figura do educador.

Segundo Baudelaire (1988, p.18) a respeito sobre riso e o cômico, diz que

[...] O riso não é outra coisa senão uma expressão, uma sintonia, um diagnóstico. Sintonia de quê? Eis a questão. A alegria é *una*. O riso é a expressão de um sentimento duplo, ou contraditório; e é por isso que há convulsão.

Embora a intenção artística de Terry Zwigoff não esteja tão e somente focada na memória e na contradição, é de grande parte formada a trama e assim se desenrola a construção de cada personagem, colocando o *docente* como mediador em assuntos entre a moral e ética.

Considerações Finais

O presente trabalho apresentou e analisou a figura docente presente no filme Uma Escola de Arte Muito Louca. Filme que mostra o professor de forma inusitada, sendo em alguns casos contrários à imagem geralmente mostrada no cinema, como por exemplo, o personagem Jimmy (verdadeiro assassino).

As figuras docentes analisadas, são da ficção, assim como as retratações. Porém, o cinema, como imagem projetada na tela, torna essas figuras referentes ao que se espera de um docente por grande parte do público que assiste aos filmes e tende à conduzir as cenas de tal forma que anula qualquer julgamento moral.

Olhando a figura do professor a partir da análise e crítica, buscamos mostrar como a indústria do cinema usa dessa figura e introduz na sociedade através da “sétima arte”, pois o público espera e deseja que os docentes que andam pelas salas de aula, contenham traços que os professores do cinema também tenham.

Agradecimentos

À UEG e ao CNPq pela concessão da bolsa de iniciação científica, e aos demais colaboradores deste projeto.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. **Escritos sobre arte**. São Paulo: Editora Imaginário, 1998.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal : Embrafilme, 1983.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica Informação e Comunicação**. São Paulo. Perspectiva, 2003.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 1989.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **A cena espetacular: cinema e arquitetura urbana na contemporaneidade**. Art Cultura, Uberlândia, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Cinema a imagem - movimento**. Editora Brasiliense, 1983.

DUARTE, Cristovão Fernandes. **Forma e movimento**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: PROURB, 2006.

FERRARI, Sônia Companer Miguel. **Cinema e arquitetura: a dominante tátil na recepção da arte**. In. Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia. FRACASSOLI, I. Arquitetura. Ensaio sobre a arte / Étienne - Louis Boullée 06 Dez 2013. ArchDaily Brasil. Acessado 2 Mar 2016. <http://www.archdaily.com.br/158245/arquitetura-ensaio-sobre-a-arte-slash-etienne-louis-boullee>

MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009.